

Ele tem um amigo imaginário

“Meu filho, de 4 anos, inventou um companheiro de faz-de-conta, com quem conversa, brinca e briga. Ele pede até para eu servir as refeições para esse personagem. Tenho medo de que a fantasia esteja passando dos limites”

Entre 4 e 6 anos, é normal misturar realidade e faz-de-conta. O amigo imaginário surge freqüentemente nesse momento e, longe de ser um problema, sinaliza uma vida interior rica e criativa. Crianças que desenvolvem personagens e enredos e se divertem sozinhas mostram capacidade e independência intelectual. Para alguns especialistas, esses companheiros fictícios também ajudam a lidar com fatos novos. Enquanto o adulto pondera mentalmente os prós e contras de uma situação, o pequeno usa o amigo imaginário para avaliar opiniões diferentes e organizar as idéias. Essa conversa consigo mesmo é a semente que vai evoluir para uma mente capaz de reflexão no futuro.

O amigo imaginário pode ser de qualquer sexo ou idade, tomar a forma de um animal de estimação ou se multiplicar em uma família inteira. Alguns são dotados de poderes sobrenaturais, como destruir monstros, enquanto outros sujeitam-se às ordens de seu mentor. Depende da necessidade da criança no momento – um garoto com medo de escuro, por exemplo, pode ganhar confiança para dispensar o abajur aceso quando tem um “parceiro” corajoso por perto.

Nesse jogo, meninos e meninas costumam ficar horas conversando, brincando e até brigando com a turma do faz-de-conta. E a intensidade com que vivenciam a situação não é motivo de preocupação nem sinaliza carência ou solidão. Esses companheiros fictícios surgem também na rotina de crianças com famílias grandes e vida social movimentada. E só saem de cena por volta dos 6 anos, quando os pequenos adquirem maior capacidade de abstração e diversificam o grupo de amigos. Até lá, seu desafio é acolher a fantasia do seu filho, mas sem invadi-la. Ou seja, nada de ridicularizar, negar ou proibir a brincadeira, pois reprimir essa exibição de criatividade pode prejudicar o desenvolvimento. Mas também é errado embarcar na ficção. Se a criança pedir, tudo bem dar um beijo de boa-noite ou dizer algo ao “amigo”, mas não seja você a iniciar a repre-

sentação. Cuidado ainda com a tentação de utilizar o personagem para convencer o pequeno a adotar determinado comportamento. Um caso típico é o da mãe que pede ao filho que ensine o novo companheiro a recolher os brinquedos – é melhor pedir diretamente à criança para fazer o que é certo, sem intermediários.

Outra saia-justa para a família são as situações em que o amigo imaginário, convenientemente, é responsabilizado por alguma arte. Tentar encobrir os erros e escapar de punições é normal entre as crianças, e cabe aos pais não se deixarem enganar. Seja firme: diga que sabe quem aprontou e que todos ficariam mais felizes com a verdade e um pedido de desculpas. Assim, o amigo inventado continua cumprindo sua função de enriquecer o imaginário infantil sem prejuízo para o desenvolvimento de outras qualidades, como a responsabilidade e o respeito. ❖

